

## CELSO MARIA DE MELLO PUPO (1899-2003)

Odilon Nogueira de MATOS

Com muita tristeza abrimos o presente número de nossa publicação com o registro do falecimento de uma das figuras mais expressivas da comunidade campineira, tanto na área da assistência social como na da historiografia, como pesquisador dedicado do passado da cidade em que residiu a maior parte de sua longa e abençoada existência. Faleceu a 2 de agosto, apenas a dois dias antes de completar a avançadíssima idade de 104 anos.

Nascido na histórica São Vicente a 5 de agosto de 1899, pouco viveu em sua cidade natal. Ainda muito jovem, veio para a Capital, onde realizou seus estudos de humanidades, findos os quais radicou-se em Campinas, de onde não mais saiu. Integrado na vida comunitária, prestou assinalados serviços à cidade, nos mais variados setores: social, cultural, profissional, filantrópico, fazendo jus à cidadania honorária que lhe foi atribuída pela Câmara Municipal. À frente da Santa Casa de Misericórdia, da qual foi provedor por muitos anos, bem como do Museu Arquidiocesano, desdobrou-se em trabalhos com incrível dedicação. Funcionário do Estado, aposentou-se como diretor da Repartição de Rendas, seção de Campinas.

O fato de não ter propriamente nascido em Campinas em nada diminuiu o seu campineirismo e o traço mais significativo deste seu sentimento está expresso no interesse que sempre demonstrou pela história da cidade, da qual se tornou o mais renomado historiador.

Ao estudar o passado campineiro, fê-lo não apenas como pesquisador frio e excessivamente preso à linguagem dos documentos, mas, e sem naturalmente desprezá-la, também com alma e coração. Seus

dois livros - **Campinas, seu berço e juventude**, de 1970, e **Campinas, município no Império**, de 1983 - são marcos significativos não apenas da historiografia campineira, mas da própria historiografia nacional. Já foi dito - e por mais de uma vez - que a história de Campinas pode ser dividida em duas fases: antes e depois dos livros de Celso Maria de Mello Pupo.

Do segundo, pode-se dizer tratar-se de uma das mais belas edições realizadas no Brasil. Mas, erraria, contudo, quem visse em seu livro apenas a apresentação material. Esta, por importante que seja, não deverá ofuscar a enorme tarefa de pesquisa a que se abalçou o autor ao estudar o cotidiano campineiro do século XIX. Tarefa das mais difíceis, pois além do espírito de pesquisa, do critério no tratamento das fontes, do exame cuidadoso da documentação ilustrativa, do discernimento na apreciação dos valores, exige requinte, bom gosto e sensibilidade. E tudo isso o autor demonstrou possuir.

Certa feita, recebemos de Celso Maria de Mello Pupo um honroso convite: prefaciá-lo seu livro sobre o Maestro Elias Lobo, um dos grandes nomes da música brasileira do século XIX, livro que viria preencher sensível lacuna na historiografia musical de nosso país, mas que, infelizmente, não chegou a ser publicado. A falta de sensibilidade, por parte de nossos órgãos culturais explica a indiferença por um trabalho que certamente seria um dos maiores livros versando sobre interessante aspecto da história da música no Brasil.

Seja-nos permitido destacar, do prefácio que escrevemos, os seguintes trechos: “O livro que tenho a honra de prefaciá-lo (talvez desnecessariamente) vem preencher uma lacuna. Se a história da música brasileira vem sendo estudada com relativa frequência, o mesmo já não posso dizer dos compositores brasileiros. A começar pelo maior de todos eles, o campineiro Carlos Gomes. As dezenas de livros que sobre ele existem quase sempre se repetem numa enfadonha monotonia sem adiantar quase nada sobre pontos ainda obscuros de sua vida e sua obra. Falta-lhes a pesquisa arquivística que Celso Maria de Mello Pupo soube realizar sobre o mestre itano. Ocorre, todavia, que Celso Maria de Mello Pupo é homem de arquivo e de pesquisa (como o tem demonstrado em outros trabalhos) e esta sua característica, aliada à preocupação de honestidade e boa informação, está presente em todas as linhas de seu livro. Documenta tudo, citando com precisão as fontes de que se serviu. E quando tem

dúvidas, o que, aliás, raramente acontece, não arrisca e nem avança. Suas fontes são as mais variadas: arquivos públicos, arquivos particulares, coleção pessoal e sobretudo a imprensa. Respiçou o que pôde em jornais do Rio, de São Paulo e de Campinas, recolhendo o que lhe pareceu bom para a boa caracterização não apenas do compositor, mas do homem Elias Lobo.

O resultado foi que o compositor emerge destas páginas, em corpo inteiro e, mais ainda, propiciando admirável estudo de sua família, pois os últimos capítulos são dedicados à genealogia dos Lobos, pois julga ele ser um privilégio descender de família que conhece a origem de seu apelido, quando a história registrou seus valores, até época remota, como podem fazer os “Lobos”, de Itu. E a linhagem vem desde D. Francisco Lobo, conselheiro de El-Rei e seu embaixador junto a Carlos V, em 1539, até seus novos rebentos, em boa parte vivendo hoje em Campinas, em Itu e em São Paulo, passando por D. Manuel Lobo, o famoso fundador e comandante da Colônia do Sacramento, a mais avançada sentinela lusitana no Atlântico sul, no século XVII.

Não é genealogia desinteressante, enfadonha e monótona, como de comum acontece, mas o autor aproveita o ensejo para traçar numerosos perfis daqueles que mais se destacaram, acentuando a tradição musical da família. Uma circunstância especial dá ao livro de Celso Maria de Mello Pupo um valor também especial: ligado pelo casamento à família de Elias Lobo (pois veio a casar-se com uma neta do compositor), o autor não produziu apenas um livro de “bonne foi” (como exigiria Montaigne), mas um livro também de sentimento, escrito com o coração. E isto, para os que acreditam no sentido humano da História, é tão importante quanto o sentido cultural que ela possa apresentar”.

Um dos fundadores da Academia Campinense de Letras, da qual foi presidente, o nome de Celso Maria de Mello Pupo extrapolou dos limites de sua cidade, merecendo ingresso no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e na Academia Paulista de História, e, ainda, como correspondente nos Institutos Históricos de Minas Gerais e de Santa Catarina.

